

ALEITAMENTO MATERNO E SEUS DESAFIOS

Breastfeeding and its challenges

Juliana Guarnetti Fabbro de Camargo¹

Débora Tarcinalli Souza²

¹Discente do curso de Nutrição das Faculdades Integradas de Bauru

²Orientadora e Docente do curso de Nutrição das Faculdades Integradas de Bauru

Resumo: O aleitamento materno é de suma importância para o crescimento e desenvolvimento humano, sendo recomendado até o 6º mês de forma exclusiva e complementar até os dois anos. A amamentação é a forma mais fácil, acessível e eficiente de nutrir o bebê, visto que além de não ter custo financeiro, apresenta benefícios nutricionais, imunológicos e emocionais, além de benefícios para a lactante como prevenção do câncer de mama e de ovário, diminuição de sangramento no período pós parto, entre outros. Mesmo com tantos benefícios, o índice de amamentação no mundo ainda é muito baixo, sendo um desafio a amamentação, pois, as estatísticas mostram que 44% crianças são amamentadas exclusivamente até o 6º mês, segundo dados de 2021. Por isso, esta revisão de literatura tem por objetivo fornecer informações sobre os motivos que tornam a amamentação exclusiva e complementar um desafio para as mães e para a família. Foi verificado dentre os estudos apresentados que muitas mães relataram que os maiores desafios são voltar ao mercado de trabalho/escola, a pega incorreta causando feridas e dor no seio, a falsa sensação de que o leite materno não mata a fome do bebê, leite insuficiente, recusa pelo bebê, falta de informação adequada sobre amamentação, recomendações médicas, entre outros. Concluindo que os profissionais de saúde necessitam estar preparados para auxiliar as mães no pré-natal e pós-parto passando segurança, acolhendo em suas ansiedades, ofertando informações e sanando suas dúvidas sobre amamentação.

Palavras-chave: Crianças; Lactente; Aleitamento Materno; Alimentação Infantil;

Abstract: Breastfeeding is of paramount importance for human growth and development, being recommended up to the 6th month exclusively and complementary up to two years. Breastfeeding is the easiest, most accessible and efficient way to nourish the baby, since in addition to having no financial cost, it has nutritional, immunological and emotional benefits, as well as benefits for the lactating woman, such as the prevention of breast and ovarian cancer, reduction of of bleeding in the postpartum period, among others. Even with so many benefits, the rate of breastfeeding in the world is still very low, and breastfeeding is a challenge, as statistics show that 44% of children are exclusively breastfed until the 6th month, according to 2021 data. The literature aims to provide information on the reasons that make exclusive and complementary breastfeeding a challenge for mothers and

families. Among the studies presented, it was verified that many mothers reported that the biggest challenges are returning to the work/school market, incorrect latching causing sores and pain in the breast, the false feeling that breast milk does not satisfy the baby's hunger, insufficient milk, refusal by the baby, lack of adequate information about breastfeeding, medical recommendations, among others. Concluding that health professionals need to be prepared to assist mothers in the prenatal and postpartum period, providing security, welcoming their anxieties, offering information and solving their doubts about breastfeeding.

Keywords: Child; Infant; Breast Feeding; Child Nutrition;

Introdução

A alimentação nos primeiros anos de vida de uma criança, é fundamental para o crescimento e desenvolvimento que estão acontecendo de modo rápido. É consenso que a amamentação é a forma de alimentação mais completa para o bebê nesta fase, pois é fonte de nutrientes nas quantidades adequadas para um bom desenvolvimento da criança (LOPES *et al.*, 2018; MORAES *et al.*, 2021).

Amaral *et al.* (2020) citam que o Ministério da Saúde (MS) recomenda que a amamentação seja iniciada na primeira hora de vida, de forma exclusiva até o 6º mês, após esse período, recomenda até os 2 anos de idade ou mais com a introdução adequada e oportuna da alimentação complementar.

Silva *et al.* (2022) complementam que a amamentação na primeira hora é de suma importância e mantê-la exclusivamente até o sexto mês e continuá-la junto à introdução dos alimentos complementares até dois anos ou mais deve ser incentivada.

O leite materno (LM) se modifica de acordo com a sua composição na forma diária e durante toda a lactância (período da vida em que a criança está em processo de amamentação), ele proporciona aos lactentes nutrientes específicos adequados a cada faixa etária. Sendo assim, não existe nenhum alimento que seja tão completo e dinâmico quanto o LM (SILVA *et al.*, 2014 a).

O LM possui muitos fatores benéficos que são bioativos como os antimicrobianos, os anti-inflamatórios, as antiproteases, os fatores de crescimento, as prostaglandinas, imunomoduladores e leucócitos, sendo que muitos deles são transferidos por meio do LM para o bebê, apresentando resistência à degradação de enzimas digestivas, proporcionando proteção das mucosas e eliminação de agentes bacterianos (JESUS *et al.*, 2022). Além de outros nutrientes como: lactose, proteínas, lipídios e colesterol; minerais como: ferro, zinco, cálcio, fósforo, potássio, sódio, e flúor;

vitaminas D, K e E, assim como hormônio da tireoide, lisozimas, lactoferrina B12, fator bífido, fator antiestafilocócico, leucócitos, interferon, lactoperoxidase e água (SILVA *et al.*, 2014 a).

Com este panorama, observa-se que amamentar é muito mais do que nutrir a criança, contudo, não amamentar traz muitos malefícios à sua saúde, uma vez que, oferecer precocemente outros alimentos pode levar à maiores episódios de diarreia; risco elevado de hospitalização por doença respiratória e maiores chances de desnutrição se os alimentos introduzidos forem nutricionalmente inferiores ao LM. Não amamentar pode significar ainda, sacrifícios para uma família de baixa renda, pois, dependendo do tipo de leite artificial introduzido, o gasto pode representar uma parte considerável no rendimento familiar. Além disso, deve-se acrescentar custos com mamadeiras, bicos e gás de cozinha, entre outros gastos decorrentes de doenças, que são mais comuns em crianças não amamentadas (BRASIL, 2015).

Jesus *et al.* (2022) complementam, discorrendo que apesar de todos os benefícios que o LM proporciona ao bebê, o desmame precoce ainda é muito presente na vida da criança. É possível que isto esteja relacionado com o pouco conhecimento materno sobre a importância imunológica do aleitamento para o bebê, sendo que ter conhecimento, pode influenciar diretamente na duração da amamentação.

Concordando com os autores anteriores, Rodrigues e Gomes (2014) dizem que mesmo comprovando a importância do LM, o desmame precoce, ainda prevalece mundialmente. Essa situação que foi iniciada nos países desenvolvidos no pós guerra, alastrou-se também para os em desenvolvimento, trazendo repercussões nocivas para a saúde das crianças.

Boccolini *et al.* (2015) mencionam que “*o aleitamento materno é um tema crucial para a saúde pública, pois afeta diretamente os padrões de saúde e de mortalidade das populações*” complementando o que os demais autores expuseram.

O relatório da UNICEF (2019) alerta que práticas alimentares de baixa qualidade iniciam desde os primeiros dias de vida de um bebê. Ainda que o LM possa salvar vidas, apenas 42% das crianças menores de 6 meses são amamentadas exclusivamente, aumentando o número de bebês alimentados com fórmula infantil. As vendas de fórmula à base de leite aumentaram exageradamente, ou seja, 72% entre 2008 e 2013 em países de renda média-alta, como Brasil, China e Turquia, isso se dá pelo marketing inadequado e pela falta de políticas e programas que protegem, promovem e apoiam a amamentação.

Vale Ressaltar que as fórmulas infantis surgiram para substituir ou complementar o LM quando o mesmo não pode ou não deve ser ofertado ao bebê, como por exemplo, em tratamentos farmacológicos maternos, quando o LM não é suficiente para suprir as necessidades do lactente, porém não devem ser ofertadas, quando não há necessidade, mesmo sabendo que as mesmas, vem sendo modificadas e melhoradas de forma que a sua composição tente se assemelhar ao LM. Nestas situações, uma correta escolha, preparação e conservação dos leites e fórmulas infantis é fundamental para permitir um adequado crescimento e desenvolvimento infantil (COSTA *et al.*, 2021).

Ressalta-se que nos países desenvolvidos, a utilização de fórmulas infantis levou ao aumento da obesidade e das alergias e gerou nos países em desenvolvimento, a desnutrição e as infecções, especialmente as respiratórias e a diarreia. No Brasil e em quase todos os países, os grandes investimentos em marketing alimentar, principalmente de alimentos industrializados, conseguiram influenciar as mães na forma em que devem nutrir seus bebês. Isso prejudicou as condições de saúde dos neonatos, levando ao aumento das taxas de mortalidade infantil (RODRIGUES; GOMES, 2014). Por isso, Costa *et al.* (2021) discorrem que devido ao aumento da oferta no mercado de leites e fórmulas infantis, eles consideram importante avaliar a longo prazo as consequências do seu consumo no crescimento e desenvolvimento infantil.

Por outro lado, a UNICEF (2019) em seu relatório mencionam que para modificar esse cenário apresentado, o Brasil está focando em políticas públicas para a prevenção do sobrepeso e da obesidade, por meio de “*incentivo ao aleitamento materno; regulação do marketing para crianças; melhoria na rotulagem nutricional; promoção da alimentação saudável nas escolas; entre outras*”, apoiando tais medidas, focando em campanhas de conscientização, mobilização de tomadas de decisão e produção de materiais para profissionais de saúde, educação e assistência.

Infelizmente, existem vários tabus, mitos e preconceitos presentes na sociedade atual em relação ao aleitamento materno, e esse fato pode influenciar, desestimular e prejudicar a amamentação, que é um ato imposto à mãe por profissionais de saúde, muitas vezes sem serem oferecidas as condições necessárias para que ele possa ocorrer de forma consciente, no qual, a mãe compreenda o seu papel na construção da relação de afetividade com seu filho (RODRIGUES; GOMES, 2014).

Tendo em vista que o aleitamento materno exclusivo é de suma importância tanto para a vida do bebê quanto da mãe, sabe-se que o desmame precoce é um problema presente em todo o mundo, sendo necessária maiores estratégias para minimizar este cenário e incentivar o aleitamento materno. Por isso, a realização desse trabalho se faz necessária, com o objetivo de fornecer informações sobre os motivos que tornam a amamentação exclusiva e complementar um desafio para as mães e para a família, com o intuito de motivar e incentivar as mães a amamentarem seus bebês.

Metodologia

Este é um trabalho de revisão de literatura, sendo a pesquisa realizada em bases de dados como PubMed e SciELO e em ferramentas para pesquisa como Google Acadêmico, pois são eficientes e eficazes na busca e recuperação da informação para trabalhos de revisão. Escolheu-se o tema: desafios do aleitamento materno, sendo o trabalho iniciado em março de 2022, foram utilizados os descritores em saúde: crianças; lactente; aleitamento materno; alimentação infantil. Foram escolhidos artigos datados de 2012 a 2022. Após o levantamento dos dados, discorreu-se sobre o assunto.

Resultados e Discussões

*“Houve um tempo em que amamentar fazia parte do contexto sociocultural, as mulheres amamentavam porque suas mães haviam amamentado e suas avós também”, esse era uma hábito aprendido de geração em geração, no qual, as mulheres não eram questionadas sobre sua a capacidade de amamentar ou sobre a importância do leite materno. Entretanto, com a industrialização e a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorreu uma enorme mudança no comportamento social em vários aspectos, até mesmo relacionada à questão da amamentação. Embora, muitas mulheres valorizem o aleitamento materno, elas, não o adotam como alimento exclusivo durante os seis primeiros meses de vida, conforme recomendação do MS, muitas vezes em função das mudanças do perfil social e político da mulher na sociedade atual (BEZERRA *et al.*, 2020).*

Para Fernandes *et al.* (2022) a amamentação, é um processo dinâmico que vai além da nutrição, pois promove a interação entre mãe-bebê, proporcionando “segurança alimentar, promove saúde e bem-estar, em curto e longo prazos”, podendo impactar no desenvolvimento cognitivo e emocional de ambos. Este processo da amamentação que envolve aspectos fisiológicos, pode ser influenciado por diversos fatores que poderão contribuir para o estabelecimento e a continuidade da amamentação sendo eles: “a idade materna, a escolaridade, os aspectos emocionais, os fatores culturais, econômicos, bem como o apoio de familiares, amigos e profissionais da saúde”. Ressalta-se que estes fatores podem intervir nas atitudes e no conhecimento materno sobre a amamentação, bem como em sua autoconfiança, influenciando sua continuidade. Além disso, amamentar é um ato que depende do aprendizado entre mãe e filho, no qual, muitas vezes envolve dificuldades, principalmente nos primeiros dias.

Vasconcelos *et al.* (2020) complementam que a amamentação fortalece o binômio mãe-filho, favorece o desenvolvimento afetivo, criando laços entre mãe-bebê, por meio do afeto, segurança, e acolhimento, sendo uma oportunidade para a mãe conhecer os comportamentos do seu filho e seu papel na maternidade. Além disso, beneficia o estado nutricional do bebê, bem como a defesa do organismo contra infecções, além de beneficiar fisiologicamente e cognitivamente a saúde à longo prazo, trazendo implicações benéficas na saúde física e psíquica materna.

Concordando com os autores anteriores Viana *et al.* (2014) a amamentação é a forma mais adequada de se alimentar um bebê, pois possui propriedades nutricionais e imunológicas, que protegem o recém-nascido de infecções, diarreia e doenças respiratórias, favorecendo o crescimento e desenvolvimento saudável, além de fortalecer o vínculo mãe-bebê e minimizar os índices de mortalidade infantil. Pois sabe-se que o LM apresenta benefícios tanto para a saúde materna quanto do lactente, sendo destacado que bebês amamentados apresentam menores taxas de morbidade. Quanto à saúde materna, os benefícios estão relacionados ao retardo da menstruação, a involução uterina, a perda de peso no pós-parto, a proteção para alguns tipos de cânceres, a prevenção contra hemorragias, entre outras.

Outro estudo aponta que o LM apresenta diversos benefícios como mencionado anteriormente, pois podem prevenir infecções, possibilitando o adequado desenvolvimento dos sistemas fisiológicos, além disso, possui em sua composição: proteínas, vitaminas, minerais, lipídios, carboidratos, compostos bioativos, neutrófilos,

entre outros. Vale lembrar que o desmame precoce pode levar a desnutrição, diarreia e em infecções principalmente respiratórias, além das alergias e da obesidade (SANTOS *et al.* 2020).

Complementando as ideias dos autores anteriores, Abreu *et al.* (2013), citam que a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Fundo das Nações Unidas para a Infância e o MS do Brasil recomendam que toda criança deve receber exclusivamente o LM desde o nascimento até seis meses de idade.

No Brasil, de acordo com os dados da pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher, verifica-se que a prevalência de aleitamento materno exclusivo (AME) dos zero a seis meses no ano de 2006 era de 39,8% sendo abaixo do recomendado pela OMS e pelo MS. “De acordo com a II Pesquisa de Prevalência do AM nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal, realizada em 2008, a prevalência do AME nos primeiros seis meses de vida foi de 41%” (VIANA *et al.*, 2014).

O Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI) aponta resultados preliminares encomendado e financiado pelo MS, no qual, os índices de aleitamento materno (AM) vem se tornando melhor no Brasil, principalmente quando comparados à estudos anteriores. Segundo a OMS, todos os indicadores de amamentação melhoraram no país. Neste estudo foram avaliadas 14.505 crianças menores de cinco anos entre fevereiro de 2019 e março de 2020, observando que 53% das crianças brasileiras recebem o LM no primeiro ano de vida. Além disso, verificou-se que o AME em crianças menores de 6 meses foi de 45,7%. Quanto aos bebês de 4 meses, este índice alcançou 60%. Ou seja, nos últimos 34 anos, houve um aumento de quase 13 vezes no índice do AME em bebês menores de 4 meses e de 16 vezes entre menores de 6 meses. Com relação a amamentação complementar, ou seja, até 24 meses de vida, o aumento registrado foi de 22,7 vezes no 1º ano e de 23,5 em menores de 24 meses, em comparação com os dados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 1986 (UFRJ, 2020).

Já o Estudo Nacional de Alimentação Infantil realizado pela Organização Pan-Americana da Saúde– OPAS/Organização Mundial da Saúde - OMS mostrou que a prevalência do AME no Brasil em crianças menores de seis meses foi de 45,8%. Até o primeiro ano de vida, apenas 43,6% das crianças estão sendo amamentadas. Mundialmente, as estatísticas também estão abaixo do recomendado: apenas quatro em cada dez (44%) crianças são amamentadas exclusivamente nos primeiros 6 meses de vida, segundo os dados de 2021. O AM reduz em 13% a mortalidade até os

cinco anos, evita diarreia e infecções respiratórias, diminui o risco de alergias, dislipidemias, diabetes, hipertensão e obesidade na vida adulta, além de proteger a mãe contra alguns tipos de câncer e ajudar na recuperação pós-parto (OPAS/OMS, 2021).

Viana *et al.* (2014) ainda mencionam que apesar do discreto aumento de bebês amamentados exclusivamente, ainda existem situações que contribuem para o desmame precoce, como a mãe trabalhar fora do domicílio, suas atividades diárias, a crença de que o LM não satisfaz o bebê; o incômodo, a falta de apoio dos familiares, o adoecimento da mãe ou do filho, problemas nas mamas, entre outras dificuldades.

Outro estudo mostra que o desmame precoce pode estar relacionado a falta de conhecimento da mãe sobre as vantagens da amamentação, a falta de preparo dos profissionais da saúde em relação ao AM e sobre a mulher, a falta de suporte diante das complicações, além da maior inserção da mulher no mercado de trabalho e às fragilidades das políticas públicas no incentivo da amamentação. Porém, a falta de conhecimento e as distorções de informações sobre o AM, suas crenças e significados representam maior influência na duração da amamentação, sendo considerados decisivos para o sucesso desta prática (SILVA *et al.*, 2014 b).

O estudo de Vasconcelos *et al.* (2020) apresenta vários fatores que podem influenciar na amamentação, destacando: a influência das pessoas que fazem parte da sua rotina, os comentários de familiares próximos como as avós, a cultura e o histórico familiar, além dos problemas mamários, como dor e desconforto. Por isso, *“uma mãe bem preparada durante a gestação e pós-parto mantém a amamentação exclusiva por maior tempo, além de se sentir mais empoderada quando possui o suporte dos familiares e das redes de apoio à amamentação”*.

Lima (2017) reforça que AM é a alimentação mais adequada para todas as crianças e seus componentes nutricionais o tornam um alimento completo e suficiente para garantir o crescimento e desenvolvimento saudável do bebê, no entanto, Fonseca (2021) alerta que não basta a mulher saber sobre vantagens do AM e optar por esta prática, para levar adiante sua opção, ela precisa estar inserida em um ambiente favorável à amamentação e contar com o apoio de profissionais habilitados a ajudá-la, se necessário. Pensando nisso, os bancos de leite humanos (BLH) foram criados com o intuito de fortalecer as políticas públicas de saúde voltadas para o incentivo ao AM. Os BLH têm cumprido importante papel assistencial junto às puérperas e lactantes, no sentido de promover, proteger e apoiar o AM, além das

ações desenvolvidas serem um meio efetivo de prevenir o declínio da amamentação. Dessa forma, além de exercerem funções específicas de manipulação do LM ordenado, exercem também atividades educativas de promoção e apoio ao AM, sendo considerados centros de referência em amamentação para gestantes e lactantes.

As principais dificuldades no AM, em geral, ocorrem por erros de técnica de amamentação. A técnica correta depende de alguns fatores como as condições gerais e de posicionamentos do corpo da mãe e do bebê, que facilitam o contato adequado da boca do bebê em relação ao mamilo e aréola, para que ao final ocorra uma boa pega e sucção eficaz, com esvaziamento e sem ferimentos à mama, pois uma técnica inadequada de amamentação contribui para várias dificuldades do AM como ferimentos do mamilo, infecções mamilares, mastite, diminuição da produção láctea e conseqüente ganho de peso inadequado do bebê (SANTIAGO, 2014).

Outro ponto a ser ressaltado é em relação aos tipos de mamilos, pois algumas mamas podem dificultar a pega correta no início, porém não impede a amamentação, sendo essas dificuldades mais encontradas em casos de mamilos planos ou invertidos. Nestas situações é necessário transmitir “*confiança, favorecer a pega do abocanhamento, variar as posições e realizar algumas manobras para preparação dos mamilos antes mesmo da chegada do bebê, são importantes para encorajar a mulher*” (COSTA, 2018).

Vasconcellos *et al.* (2020) em sua revisão integrativa, verificou que no decorrer do seu trabalho, oito estudos apresentaram relatos sobre o desmame sendo recorrentes as mulheres citarem as dores, traumas, ingurgitamento mamário e cansaço na prática da amamentação, como fatores para pararem de amamentar, verificando que os problemas mamários podem ser um dos fatores para o abandono do AME. Eles afirmam que é fundamental que as mulheres recebam apoio e incentivo familiar para amamentarem seus bebês desde o pré-natal, “*participando de atividades educativas sobre a importância do aleitamento materno, estimulando a proteção e dando apoio a amamentação eficiente e por mais tempo.*”

O AM representa a mais sábia estratégia natural de vínculo, proteção e nutrição para o bebê, sendo a forma mais econômica e eficaz de redução da morbimortalidade infantil. Além dos valores nutricionais do LH, ele apresenta excelentes resultados terapêuticos, prevenindo diversas doenças. Nos casos em que a mãe não consegue amamentar, ou quando, por algum outro motivo, o lactente não

pode receber o LM direto do seio, a melhor opção é a oferta de LH pasteurizado proveniente de BLH (BRASIL, 2009).

Os BLH acolhem as mulheres que apresentam dificuldades na prática do aleitamento, além disso, realizam a coleta, o processamento e o controle de qualidade do LH. Ressalta-se que houve um aumento de BLH no país, sendo isso muito importante como suporte para a população principalmente para os mais vulneráveis que dependem de profissionais capacitados para a sobrevivência de seus bebês.

O AM é construído socialmente como um ato biológico, natural, inato, próprio da mãe e filho, no entanto, o ato de amamentar possui um contexto cultural que pode estar associado a uma obrigação social resultante de uma escolha racional que pode ser estimulado por vantagens e benefícios para mãe e bebê, podendo levar ao desmame precoce do AME por várias razões (PRADO *et al.*, 2016).

Entender os obstáculos enfrentados durante o processo de amamentação pode auxiliar na manutenção ou até na suspensão da sua prática, estas por sua vez, podem ocorrer por muitos fatores, tendo por consequência maior risco para a saúde do bebê e aumentando as chances de morbimortalidade infantil (MORAES, 2019).

Entre os fatores relacionados a diminuição nas taxas do AM no Brasil, ressalta-se o papel do marketing pelas empresas de fórmulas infantis, que, entre outras práticas, distribuem gratuitamente seus produtos para as mães dos recém-nascidos, propagando a cultura de que a alimentação artificial é melhor que o LM aumentando o receio que as lactantes possuem sobre a qualidade do leite produzido, além da falta de segurança na hora de amamentar. Outros fatores que contribuem para a queda nesses índices são os processos de industrialização e urbanização, a inserção da mulher no mercado de trabalho e a cultura do uso da mamadeira que simboliza a modernidade (SOUSA, 2015; SANTANA 2021).

A inserção da mulher no mercado de trabalho é a principal barreira que impede a duração do AME até o período mínimo recomendado, visto que, *“no trabalho privado, elas têm só quatro meses de licença”*, e a maior parte das mulheres *“trabalha na condição de CLT [Consolidação das Leis do Trabalho], daí tem 120 dias de licença maternidade”*. Além disso, alguns profissionais destacam que algumas mulheres *“não têm liberação para amamentar, não tem uma creche próxima”* quando retornam ao trabalho e *“nem sempre a empresa vai permitir que a mãe saia de lá para vir amamentar o bebê”* (PERES, 2021).

Aspectos biológicos também estão ligados ao AM, 'geralmente com a pega inadequada ocorrem fissuras, o que também acaba fazendo algumas mães desanimarem e desistirem da amamentação, por causa da dor ou por conta do bico do seio, no qual, as vezes o mamilo é invertido, ou as vezes pela condição clínica da criança, elas acabam complementando com fórmulas infantis, que induz ao desmame. Outras situações que também podem atrapalhar são: bico rachado, mastite, ingurgitamento, alguns casos de mãe com obesidade, o estresse que pode reduzir a produção de LM, tendo que entrar também com as formulas, além dos casos depressão pós-parto (AUTOR, ano).

Verifica-se que o trauma mamilar é uma causa comum para a interrupção do AM, por gerar dor e desconforto às puérperas. Estima-se que entre 80 e 96% das mulheres vivenciaram algum grau de dor na primeira semana após o parto. É possível observar na literatura diversas formas de definição, classificação e avaliação dos traumas nas mamas, no entanto, falta uma análise dermatológica para essas lesões. Para os profissionais em dermatologia, realizar uma avaliação médica adequada, entender suas causas e os fatores de risco para seu desenvolvimento permitem implementar ações efetivas de prevenção e tratamento. Mesmo não sendo possível prevenir a ocorrência de uma lesão, é importante o conhecimento correto para um diagnóstico assertivo que possibilite intervenções que aceleram a cicatrização e diminuem os riscos de complicações (CERVellini, 2014).

Outro fator que podem interferir na amamentação é a baixa produção de leite principalmente pelo uso inadequado de medicamentos sem indicações médicas durante o período de amamentação, dificultando a produção de leite materno, e sem orientações a puérpera introduz alimentação complementar de forma precoce. (SOUSA, 2015).

Observa-se também que elementos sociodemográficos como a baixa idade da mãe, escolaridade e baixa renda familiar possuem grande importância na suspensão da amamentação exclusiva antes dos 6 meses, onde a falta de orientação e aconselhamento é o principal fator que induz essa mulher a introduzir uma alimentação complementar precoce para que o bebê se habitue, uma vez que o trabalho materno fora de casa é necessário (SANTANA, 2021).

O estudo de Vasconcellos *et al.* (2020) complementa que mães com menor grau de instrução (menos de oito anos de escolaridade) tendem ao desmame precoce, porém, mulheres com mais de oito anos de estudo tendem a amamentar por mais

tempo. Sendo assim, verifica-se que mulheres com baixa ou nenhuma instrução desconhecem a importância do AME para o desenvolvimento e crescimento de seus filhos.

Um estudo realizado com bebês atendidos pelo Programa de Saúde da Família, relata que as mães alegaram alguns motivos para o desmame precoce, entre eles 63,2% foram inerentes a mãe, como: 23,7% afirmaram que o leite havia secado, 13,1% afirmaram ter pouco leite, 7,9% relataram a necessidade de voltar a trabalhar, 5,3% apenas decidiram parar, 5,3% alegaram estresse, 5,3% relataram recomendações médicas, 2,6% alegaram parar por serem fumantes e 36,8% foram inerentes à criança como: choro por fome (18,4%), rejeição do peito pela criança (15,8%) e 2,6% das crianças tinham dificuldade de sugar segundo as mães (FIALHO *et al.* 2014).

Outro estudo de coorte realizado em Pelotas no Rio Grande do Sul, em relação aos motivos para o desmame antes dos 12 meses, teve por objetivo analisar a intenção materna de amamentar, além da duração da amamentação até os 2 anos e os motivos para o desmame no primeiro ano de vida. Eles verificaram que das 62 mães participantes 57,3% alegaram o leite insuficiente, 45,5% retorno ao trabalho/escola e recusa inexplicável do bebê (40,1%) como os principais problemas encontrados para o desmame. Para o desmame precoce, antes do 6º mês, os motivos mais frequentes foram leite insuficiente (69,0%), recusa inexplicável do bebê (37,9%) e retorno ao trabalho/ escola (24,1%), enquanto para aquelas com 6 a 12 meses, os motivos mais frequentes foram retorno ao trabalho/escola (63,6%), leite insuficiente (45,5%) e recusa inexplicável da criança. Concluindo que apesar do estudo demonstrar elevada intenção materna de amamentar a duração da amamentação na amostra analisada mostrou-se abaixo da recomendação da OMS. Os motivos citados pelas mães para o desmame precoce indicam a necessidade do aumento de políticas públicas de incentivo, proteção e apoio ao AM, atentas à realidade das mães trabalhadoras. Assim, se faz necessárias novas pesquisas, focadas na eficiência das políticas, programas e ações existentes mundialmente, para minimizar as barreiras estruturais e sociais capazes de interferir no sucesso da amamentação (AMARAL *et al.* 2019).

Carvalho (2020) citam também a “falta de vontade ou preguiça de amamentar” como relatados pelas nutrizes, já que o AM exige paciência, técnica, tempo e disposição das mães perante as necessidades do bebê. A mãe muitas vezes

não sente a amamentação como um gesto prazeroso ou não tem noção da importância dela para a saúde do bebê, desistindo do AME antes que a criança complete o 6º mês de vida. Outro ponto é influência dos familiares que também pode gerar impacto negativo no período de amamentação, já que esses pressionam a mãe a amamentar o bebê de acordo com suas percepções e/ou conhecimento sobre o assunto por meio de conselhos ou exemplos, ora favoráveis, ora contrários às vontades dela, visto que opiniões negativas de pessoas próximas podem levar a mãe a ter uma percepção errada sobre a quantidade de leite que é capaz de produzir.

Dias (2019) ainda menciona que imagem corporal da mãe pode comprometer de maneira negativa a sua visão durante o período do AM. A preocupação das mães com a estética coloca em evidência sua vaidade e sua preocupação com sua imagem e a falta de orientação faz com que elas acreditem que amamentar deixa o seio flácido ou que quanto maior o tempo de AM, mais o seio fica flácido.

Costa (2018) reforça que o fato de muitas mulheres não amamentarem por questões estéticas ou exigências do parceiro é bem mais comum do que se pode imaginar. Por receio de seios flácidos, muitas mulheres optam por não amamentarem deixando o bebê com a uma possível vulnerabilidade, por faltas de componentes vitamínicos importantes existentes no LM.

A mulher moderna tem evoluído em vários aspectos e cada vez mais realizações profissionais, sociais e pessoais, estão relacionadas a um padrão de beleza imposto pela sociedade, onde as cirurgias estéticas tem influência significativa para a busca pelo corpo perfeito, submetendo-se então aos mais variados procedimentos estéticos por meio das cirurgias plásticas como as cirurgias estéticas mamárias. Sabendo-se que a principal função fisiológica das mamas é a amamentação e de acordo com a grande busca desse procedimento no país, observa-se poucos estudos recentes que se referem aos impactos das cirurgias na amamentação (TEMPO, 2019).

Para finalizar Vasconcelos *et al.* (2020) na sua revisão integrativa, verificou que “os mitos sociais, a inserção de bicos artificiais e outros fatores de risco para o desmame precoce esteve presente em sete (50,6%) dos doze estudos analisados” relatando que muitos dos estudos analisados, trazem relatos de mães que justificaram o abandono do AME pelo *mito* do “leite fraco” ou “pouco leite” para satisfazer as necessidades do bebê, sendo um reflexo da insegurança sobre a qualidade do seu

leite, uma vez que o choro dos bebês está culturalmente associado a fome e a problemas relacionados a produção de leite.

Neste contexto, observa-se que os profissionais de saúde necessitam estar preparados para auxiliar as mães no pré-natal e no pós parto em suas dificuldades com relação ao AM. Dando-lhes segurança, acolhimento em suas ansiedades, informações e sanando suas dúvidas (LOPES, 2016).

Bezerra *et al.* (2020) complementa que ouvir os afetos, sentimentos e inquietações das mães durante o processo de amamentação é uma das melhores formas para realizar uma abordagem educativa durante o pré-natal e o puerpério. Como o medo e a insegurança são os grandes pilares para o desmame, os autores incluem pais e avós “*nos processos educativos sobre a amamentação, considerando a forte influência que têm na decisão da mulher de amamentar e/ou na manutenção desta prática*”.

Complementando o estudo anterior, apesar de todos os benefícios apontados pelas literaturas, o desmame precoce ainda acontece em diversas casas brasileiras. Neste contexto, é imprescindível que os profissionais de saúde da atenção primária desenvolvam estratégias sobre esta temática para o incentivo e apoio a amamentação, tornando-se necessário sobretudo reforçar, por meio, de intervenções efetivas, a importância do AME durante o 6º mês, mostrando o que o AM pode acarretar no desenvolvimento infantil e também na vida adulta (AZEVEDO, 2018).

Considerações Finais

O AM é um processo essencial para a saúde, crescimento e desenvolvimento do bebê, além de auxiliar na relação afetiva entre mãe e filho. O LM é a alimentação mais completa e dinâmica, possui tudo aquilo que o lactente precisa em todas as etapas do desenvolvimento. Apesar dos inúmeros benefícios, a AME e complementar ainda está abaixo do recomendado pela OMS por diferentes situações e por sofrer diversas influências de vários aspectos, como retratado no estudo de Amaral (2019) onde o retorno da mãe para o trabalho/escola corresponde 24,1% do desmame precoce das entrevistadas, leite insuficiente 69,0% e recusa inexplicável do bebê sendo 37,9%. Além de estresse, depressão pós parto, dificuldade da criança em sugar o peito, entre outros motivos, o que permite analisar a necessidade de

profissionais da saúde qualificados para orientar e auxiliar as lactantes, dando-lhes segurança, acolhimento em suas ansiedades, informações e sanando suas dúvidas. Enfocando também que durante o pré-natal é muito importante envolver a família no processo de amamentação por meio de atividades e estratégias de educação nutricional, tentando minimizar os medos e as inseguranças das lactantes.

Referências:

ABREU, F. C. P.; FABBRO, M. R. C.; WERNET, M. Fatores que intervêm na amamentação exclusiva: revisão integrativa. **Revista da rede de enfermagem no Nordeste**. v. 14, n. 3, p. 1-11, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3240/324027991017.pdf>> Acesso: 31 maio 2022.

AMARAL, S. A. *et al.* Intenção de amamentar, duração do aleitamento materno e motivos para o desmame: um estudo de coorte, RS, 2014. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**. v. 29, n. 1, p. 1-14, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ress/a/BGdhDp36gfNgcxcrccWs8rw/?format=pdf&lang=pt.>> Acesso: 04 out. 2022.

BEZERRA, A. E. M.; BATISTA, L. H. C.; SANTOS, R. G. de A. Breastfeeding: what do women who participate in a prenatal group think?. **Revista Brasileira de Enfermagem** [online]. v. 73, n. 3, e20180338, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0338>>. ISSN 1984-0446. Acesso: 21 out. 2022

BOCCOLINI, C. S.; CARVALHO, M. L.; OLIVEIRA, M. I. C. Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida no Brasil: revisão sistemática. **Revista de saúde pública**. v. 49, n. 91, p. 1-16, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/jsCBGH7vNhqmNtj4BQQPvpf/?format=pdf&lang=pt.>> Acesso: 06 maio 2022.

BRASIL. **Cadernos de atenção básica, saúde da criança**: aleitamento materno e alimentação complementar. 2 ed. Brasília, 2015. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf> Acesso: 06 maio 2022.

CARVALHO, A.T. *et al.* Fatores socioculturais, mitos e crenças de nutrizes potenciais causadores do desmame precoce: uma revisão integrativa. **Revista saúde coletiva**. v. 10, n. 56, p. 3152-3157, 2020. Disponível em: <<https://revistas.mpmcomunicacao.com.br/index.php/saudecoletiva/article/view/902>> Acesso: 09 out. 2022.

CERVELLINI, M. P. *et al.* Lesões mamilares decorrentes da amamentação: um novo olhar para um conhecido problema. **Revista da escola de enfermagem da USP**. v. 48, n. 02. p. 346-356, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/bf4pLKX95sCLWnXgnDpPRsN/?lang=pt#>. Acesso: 02 set. 2022.

COSTA, C. P.; MASCARENHAS-MELO, F.; BELL, V. Fórmulas Infantis: indicação, função e constituição. **Acta Portuguesa de Nutrição**, v. 27, p. 18-23, 2021. Disponível em: <https://actaportuguesadenutricao.pt/wp-content/uploads/2022/02/04_ARTIGO-REVISAO.pdf> Acesso: 21 out. 2022.

DIAS, L. M. O. *et al.* Amamentação: Influência familiar e a importância das políticas públicas de aleitamento materno. **Revista saúde em foco**. n. 11, p. 634-648, 2019. Disponível em: <https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/057_Amamenta%C3%A7%C3%A3o-Influ%C3%A2ncia-familiar-e-a-import%C3%A2ncia-das-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-de-aleitamento-materno_634_a_648.pdf>. Acesso: 09 out. 2022.

FERNANDES, L. C. R.; SANFELICE, C. F. de O.; CARMONA, E. V. Indução da lactação em mulheres nuligestas: relato de experiência. **Escola Anna Nery** [online]. v. 26, e20210056, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0056>>. Epub 05 Jan 2022. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0056>>. Acesso: 08 jun. 2022

FIALHO, F. A. *et al.* Fatores associados ao desmame precoce do aleitamento materno. **Revista CUIDARTE**. v. 5, n. 1, p. 670-678, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2216-09732014000100011>. Acesso: 04 out. 2022.

FONSECA, R. M. S. *et al.* O papel do banco de leite humano na promoção da saúde materno infantil: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 309-318, 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/JVy96MGzR7gwDn57kTP46js/?format=pdf&lang=pt.>> Acesso: 05 maio 2022.

JESUS, E. B.; MOSCA, T.; FORTE, W. C. N. Conhecimento materno sobre o papel imunológico protetor do leite materno para o recém-nascido. **Arq. Méd. Hosp. Fac. Ciênc. Méd. Santa Casa de São Paulo**, p. 1 -7, 2022. Disponível em: <<https://arquivosmedicos.fcmsantacasasp.edu.br/index.php/AMSCSP/article/view/760>> Acesso 21 out. 2022

LIMA, E. C. A.; ALMEIDA, E. J. R. Aleitamento materno: desafios enfrentados pela parturiente no processo de amamentação. **Brazilian Journal of Development**. v. 6, n. 11, p. 87188-87218, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/19741>.> Acesso: 05 maio 2022.

LOPES, W. C. *et al.* Alimentação de crianças nos primeiros dois anos de vida. **Revista Paulista de Pediatria**. v. 36, n. 2, p. 164-170, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rpp/a/r8tJMQJJZxCP7n6q4zTwMWx/?format=pdf&lang=pt.>> Acesso em: 06 maio 2022.

MORAES, B. A. *et al.* Amamentação nos seis primeiros meses de vida de bebês atendidos por consultoria em lactação. **Revista latino-americana de enfermagem**. v. 29, n. 1, p. 1-12, 2021. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rlae/a/5CS4DJJb7J8j3mPSQHMMFWR/?lang=pt&format=pdf>
> Acesso: 06 maio 2022.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE – OPAS. **OPAS Destaca a importância de participação de toda sociedade na promoção do aleitamento materno, em lançamento de campanha no Brasil.** Entrevista publicada em 29 julho 2021. Disponível em: <https://.paho.org/pt/noticias/29-7-2021-opas-destaca-importancia-participacao-toda-sociedade-na-promocao-do-aleitamento>. Acesso: 16 set. 2022.

PERES, J. F. *et al.* Percepções dos profissionais de saúde acerca dos fatores biopsicossocioculturais relacionados com o aleitamento materno. **Saúde em debate.** v. 45, n. 128, p. 141-151, 2021. Disponível em:
<<https://scielosp.org/pdf/sdeb/2021.v45n128/141-151/pt>.> Acesso: 02 set. 2022.

PRADO, C. V. C.; FABBRO, M. R. C.; FERREIRA, G. I. Desmame precoce na perspectiva de puérperas: uma abordagem dialógica. **Texto e contexto – enfermagem.** v. 25, n. 2, p. 1-9, 2016. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/tce/a/G6SVvymWBwL66QYrMB8T8vL/?format=pdf&lang=pt>.> Acesso: 04 out. 2022.

RODRIGUES, N. A.; GOMES, A. C. G. Aleitamento materno: fatores determinantes do desmame precoce. **Enfermagem Revista.** v. 17, n. 1, p. 30-48, 2014. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/12791/1000>
> Acesso: 06 maio 2022.

SANTANA, T. C. S. A. *et al.* Desafios da amamentação: as dificuldades no aleitamento materno e a função do enfermeiro como mediador. In: CONIC SEMESP, v. 9, 2021, São Luís (MA). **Anais** 21º Congresso Nacional de iniciação científica. São Luís (MA), 2021. p. 1-10. Disponível em: <<https://www.conic-semesp.org.br/anais/anais-conic.php?ano=2021&act=pesquisar>.> Acesso: 02 set. 2022.

SANTIAGO, L. B.; SANTIAGO, F. G. B. Aleitamento materno: técnica, dificuldade e desafios. **Residência Pediátrica.** v. 4, n. 3, supl 1, S23-S30, 2014. Disponível em:
<<https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/v4n3s1a03.pdf>.> Acesso: 05 maio 2022.

SANTOS, M. P. M. da C.; PEREIRA, T. G.; FREITAS, M. T. de S. A influência do leite materno na microbiota intestinal do recém-nascido. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 93400–93411, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n11-670. Disponível em:
<<https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BRJD/article/view/20750>.> Acesso: 21 out. 2022.

SILVA, E. M. *et al.* Desafios do aleitamento materno exclusivo: percepção de mães e enfermeiras de uma instituição privada de Governador Valadares. **Revista Científica FACS.** v. 22, n. 1, p. 09-17, 2022. Disponível em:
<<https://periodicos.univale.br/index.php/revcientfacs/article/view/231>.> Acesso: 09

out. 2022.

SILVA, N. M. *et al.* Conhecimento de puérperas sobre amamentação exclusiva. **Revista brasileira de enfermagem**. v. 67, n. 2, p. 290 – 295, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/cFtSjBYyt9BmtZBKGpkzSWH/?format=pdf&lang=pt>> Acesso: 01 jun. 2022. **b**

SILVA, R. K. C. *et al.* O ganho de peso em prematuros relacionado ao tipo de leite. **Revista eletrônica de enfermagem**. v. 16, n. 3, p. 535–541, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/julia/Downloads/admin,+v16n3a06.pdf>> Acesso: 06 maio 2022. **a**

SOUSA, F. *et al.* Avanços e desafios do aleitamento materno no Brasil: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira em promoção da Saúde**. v. 28, n. 3, p. 434-442, 2015. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/408/40844684017.pdf>> Acesso: 02 set. 2022.

UFRJ. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil – ENANI-2019: Resultados preliminares – Indicadores de aleitamento materno no Brasil**. UFRJ: Rio de Janeiro, 2020. 9 p. Disponível em: <<https://enani.nutricao.ufrj.br/index.php/relatorios/>> Acesso: 31 maio 2022.

UNICEF. **Má alimentação prejudica a saúde de milhões de crianças em todo o mundo**. Relatório Publicado em 15 out. 2019. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/ma-alimentacao-prejudica-saude-das-criancas-em-todo-o-mundo-alerta-o-unicef>> Acesso: 06 maio 2022.

VASCONCELOS, T. C.; BARBOSA, D. J.; GOMES, M. P. Fatores que interferem no aleitamento materno exclusivo durante os primeiros seis meses de vida do bebê. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 11, n. 1, p. 80-87, 2020. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/2208>> Acesso: 20 out. 2022

VIANA, R. A. A. *et al.* Aleitamento materno: desmistificando esse ato de amor como uma abordagem na promoção da saúde. **Revista Abeno**. v. 14, n. 1, p. 38-46, 2012. Disponível em: <http://revodonto.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-59542014000100005> Acesso: 31 maio 2022.

AZEVEDO: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/24918>

COSTA : <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/2279>

Costa:

<https://repositorio.unifaema.edu.br/bitstream/123456789/2279/1/ALEITAMENTO%20MATER%20NO%20E%20SEUS%20DESAFIOS.pdf>

Tempo:

https://dspace.uniceplac.edu.br/bitstream/123456789/321/1/Pamela%20Daniela_0001383_Ruane%20Carla_0001371.pdf

Lopes:

<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/7965/1/L%C3%ADvia%20Maia%20Lopes.pdf>

REFERÊNCIAS CITADAS NO TEXTO, MAS QUE NÃO ESTÃO NAS
BIBLIOGRAFIAS....CONFERIR

AZEVEDO, 2018

BRASIL, 2009.

COSTA, 2018

LOPES, 2016.

MORAES, 2019

TEMPO, 2019.